

ENCRUZILHADA DOS ESTUDOS DE RELIGIÃO NO BRASIL

CARREFOUR DES ÉTUDES DE RELIGION AU BRÉSIL

*Gilbraz Aragão**

RESUMO

A entrada dos estudos da religião nas universidades brasileiras colabora para questionar o positivismo das suas ciências e tornar mais complexa e inclusiva a sua compreensão da realidade, como também para refundar epistemologicamente os métodos das ciências da religião e das teologias, tornando-os mais razoáveis e abertos à crítica interdisciplinar – e assim, potencialmente mais capazes de esclarecer a pluralidade espiritual brasileira. Todavia, estamos chegando a uma situação de crise de maturidade nessa relação, em que muitas vezes se confrontam os magistérios religiosos e os magistérios acadêmicos, em espaços públicos da nossa República.

Palavras-chave: Epistemologia dos Estudos da Religião, Pluralismo Espiritual, Diálogo Inter-religioso, Ensino Religioso.

RÉSUMÉ

L'entrée des études religieuses dans les universités brésiliennes contribue à remettre en question le positivisme de leurs sciences et de devenir plus complexe et inclusive leur compréhension de la réalité, mais aussi de refonder les méthodes des sciences de la religion et de la théologie, les rendant plus raisonnable et ouvert à la critique interdisciplinaire - et donc potentiellement mieux en mesure de préciser la pluralité spirituelle brésilienne. Cependant, nous atteignons une échéance de crise dans cette relation, dans laquelle souvent sont confrontés les magistères religieux et universitaires dans les espaces publics de notre République.

Mots-clés: Épistémologie des études religieuses, Pluralisme spirituel, Dialogue interreligieux, Éducation Religieuse.

* Doutor em Teologia, professor e pesquisador da UNICAP. E-mail: gilbraz@unicap.br.

1. POR UMA CULTURA EPISTEMOLÓGICA

Goethe, no Fausto, dizia que é difícil não errar com a teologia, porque há tanto veneno escondido nessa ciência, que quase não se distingue do remédio¹. Será que conseguimos acertar com os estudos de teologias e ciências da religião em nosso país, trazendo-os para a arena acadêmica mais laica, para o espaço acadêmico de construção do conhecimento através dos jogos de controvérsias? A entrada dos estudos da religião nas universidades brasileiras colabora para questionar o positivismo (e outras fés e igrejinhas) das suas ciências e tornar mais complexa e inclusiva a sua compreensão da realidade, na qual a dimensão espiritual é fonte de nomificação, como também para refundar epistemologicamente os métodos das ciências da religião e das teologias, tornando-os mais razoáveis e abertos à crítica interdisciplinar.

Com efeito, entre nós, hoje já há quem pense que os critérios da matemática ou mesmo da área de biologia e de saúde não são os únicos para garantir a cientificidade do conhecimento, que é preciso descolonizar a ciência moderna e abrir as universidades para um pluralismo nas teorias do conhecimento, incluindo os ensaios humanísticos no desenvolvimento de novos saberes, em favor do cuidado integral da vida. Até porque, sobretudo depois da física quântica, podemos imaginar a realidade como relação entre a nossa intersubjetividade e uma energia que se desenvolve em múltiplas formas naturais e sociais. Fé e ciência, então, são domínios separados, mas devem trabalhar levando-se em conta. Porque, quando bem entendidos, os seus métodos são na verdade próximos e complementares: nem a ciência nem as teologias podem pretender objetividade. A teologia não pode conhecer a divindade nela mesma, e o objeto de seu estudo é a relação entre o divino e o humano; da mesma forma, a ciência pode apenas estudar a relação entre a realidade física e o homem, porque a mecânica quântica mostra agora que a intervenção humana modifica irremediavelmente os dados e coloca o real fora de nossas possibilidades.

O que estudam o cientista e o teólogo é, então, definitivamente o humano, em suas relações com a natureza e a “sobrenatureza”, o “mais-que-natural”. E as conclusões a que podem chegar ciências e teologias, no fim de contas, situam o teólogo muito próximo do cientista autêntico e com um mínimo de sensibilidade humana. O teólogo precisa reinterpretar sempre as suas escrituras, mas partindo da, e visando a realidade sócio natural – que é

¹ Cena III, pela boca de Mefistófeles, em GOETHE, Johann. **Fausto**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

interpretada pela ciência. Quanto mais a ciência progride, mais ela deixa entrever uma ligação íntima entre o material e o espiritual. O “como” da ciência e o “por quê” da teologia são intimamente ligados, numa perspectiva humanista. A teologia tem necessidade da ciência para progredir e está convocada para a grande unificação do saber a que todos aspiram hoje. As religiões podem falar do divino somente apoiando-se no que se descobriu sobre o universo. Não se trata apenas de uma questão de linguagem, mas problema de lógica igualmente². Quer dizer, o encontro e o confronto entre o saber científico e o religioso poderão, através de métodos transdisciplinares, produzir novos conhecimentos e até novas formas de conhecer. E ainda mais, ciência e fé podem se reencontrar - e nisso já começamos a operar com a lógica transdisciplinar – na medida em que recuperem a sua destinação ética, o seu comum “terceiro excluído”.

Inclusive, internamente, a tensão entre as ciências da religião e as teologias mostra-se academicamente salutar no Brasil (diferentemente do que ocorreu em outros lugares, como na Alemanha do século XIX), pois os teólogos reconhecem que, sem as ciências da religião, sua reflexão encerra-se muitas vezes em mundos eclesiásticos herméticos e fundamentalistas ou ideológicos; enquanto os cientistas da religião, sem o acesso à fé que busca se compreender nas teologias de cada tradição religiosa ou espiritual, entendem que podem resvalar em exercícios arrogantes e desumanos das ciências modernas sobre a área humana, por sua objetivação asséptica que busca apenas explicar fenômenos – ao invés de também salvá-los, de vez que deles somos parte envolvida e interessada.

Porém, a despeito dessa rica fecundação hermenêutica, estamos chegando neste momento a uma situação de crise de maturidade nessa relação, em que muitas vezes se confrontam os magistérios eclesiais das diversas religiões e igrejas com os magistérios acadêmicos, em espaços públicos de reflexão e organização da educação e do trabalho da nossa República, em decisões políticas sobre a profissionalização dos intérpretes do fato religioso. Darcy Ribeiro, por exemplo, não conseguiu, como queria, com o frei Mateus Rocha, levar um curso de teologia amplamente ecumênico e fundado no “magistério acadêmico” para a nascente Universidade de Brasília, por conta dos paradigmas científicos e políticos da época. O espírito do nosso tempo é outro, os estudos da religião já estão nas Universidades, mas precisam superar agora certos paradigmas religiosos adversos, sobretudo de grupos que estão se fechando ao mundo para tentar garantir um diferencial em meio às transformações culturais que estamos

² NICOLESCU, B. et al. Levels of representation and levels of reality: towards an ontology of science. In: **The concept of nature in science and theology**. Genève: Labor et Fides, 1998, p. 94-103.

atravessando, quase arrependidos de terem buscado reconhecimento civil e se submetido à etiqueta acadêmica. Este é, pois, um ensaio sobre os desafios de uma área de conhecimento no Brasil, sobre essa encruzilhada dos estudos de religião entre nós.

2. HISTÓRIA E DESCRIÇÃO

Dentro da área de Filosofia, onde se abrigou, a subárea de Teologia e Ciências da Religião tem história recente no Brasil. O fortalecimento de instituições de ensino superior comunitárias, muitas delas de origem religiosa, levou ao nascimento, na década de 1970, dos primeiros programas de pós-graduação em Ciências da Religião do país, que, posteriormente, foram credenciados pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Outros programas foram criados nas décadas seguintes, alguns deles também em universidades públicas, como a pioneira UFJF. Tudo começou, então, a partir da entrada dos pós em Ciências da Religião (em grande parte formadas por “teólogos emancipados” através da Teologia da Libertação) no mundo universitário, enfatizando uma leitura “mais de baixo” e “mais de fora”, sobre as religiões e religiosidades.

No mesmo período, várias pós-graduações em Teologia, tomadas de invídiã em suas leituras “mais de dentro” das igrejas (afinal, as universidades começaram mesmo foi na soleira das catedrais e centros espirituais medievais, com os cursos de teologia, filosofia, direito e medicina), também passaram pelo mesmo processo e, hoje, temos 20 Programas³ nessa subárea fronteiriça, em que as teologias podem oferecer interpretações internas das experiências do divino nas religiões - que devem criticar, e se deixar criticar, pelas interpretações externas que o campo interdisciplinar da Ciência ou Ciências da Religião oferecem do religioso e da religiosidade. Desde 2008 a subárea é articulada pela ANPTECRE (a Associação dos Programas de Pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião)⁴, que atualmente pleiteia na CAPES a autonomia como área de Ciências da Religião e Teologias, inclusive propondo ao CNPQ uma revisão da “árvore do conhecimento” da área⁵, para incluir a classificação

³ CAPES, Cursos Reconhecidos. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>. Acesso em: 10 fev. 2015.

⁴ Site da Associação: <http://www.anptecre.org.br>

⁵ A proposição da ANPTECRE, que está sendo aprovada no CNPQ, é de que a nova área de "Ciências da Religião e Teologias" tenha a seguinte nomenclatura para as especialidades da Árvore do Conhecimento: Epistemologia das Ciências da Religião, Ciências da Linguagem Religiosa, Ciências Empíricas da Religião, Ciência da Religião Aplicada, Teologia Fundamental-Sistemática, Tradições e Escrituras Sagradas, História das Teologias e Religiões, e Teologia Prática.

amadurecida das disciplinas fundamentais de Ciências da Religião e de Teologias e fundamentar epistemologicamente a listagem.

Em 1999, o Ministério da Educação (MEC) também reconheceu o primeiro bacharelado em Teologia no Brasil, que se seguiu do reconhecimento de muitos outros nos anos seguintes. Hoje, em atividade, há 133 cursos de Teologia (mais 885 polos de cursos a distância), a maioria seguindo como bacharelado; além de 20 cursos de graduação em Ciências da Religião (mais 91 polos de cursos a distância), a maioria como licenciatura, segundo os cadastros do e-MEC⁶. Além disso, atualmente no Brasil existem mais de duas dezenas de cursos de Licenciatura em Ensino Religioso (ou em Ciências da Religião para a formação de professores na área), vinculados a Universidades Estaduais ou Fundações similares, que estão se articulando na Rede Nacional das Licenciaturas em Ensino Religioso, vinculada ao Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER)⁷. E aqui as coisas começam a se complicar...

3. DESAFIOS E AMEAÇAS

Essa história não tem transcorrido sem tensões. Assistimos atualmente a uma grave ameaça⁸ ao espaço de interface entre Teologia e Ciências da Religião. Ela vem de três lados: um é o Acordo Bilateral entre a Santa Sé e o Brasil, ampliado para as outras tradições religiosas através da Lei Geral das Religiões⁹, que identificam o Ensino Religioso com o ensino de uma confissão religiosa, quando ele é disciplina do ensino fundamental da escola pública, cuja finalidade é estudar os fenômenos de experiências da transcendência numa perspectiva intercultural e transreligiosa, através de eixos pedagógicos (feito culturas e tradições espirituais,

⁶ Ministério da Educação: E-MEC - Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 fev. 2015.

⁷ Site do Fórum: <http://www.fonaper.com.br/>

⁸ Desenvolvemos aqui um parágrafo à pg. 61 de OLIVEIRA, Pedro R. Ciências da Religião e Teologia: evolução e situação desde a perspectiva brasileira. In: ARAGÃO, Gilbraz, CABRAL, Newton e VALLE, Edênio (Orgs.). **Para onde vão os estudos da religião no Brasil?** São Paulo: Anpctecre, 2014, pg. 47-64.

⁹ A Comissão de Assuntos Sociais (CAS) do Senado aprovou, em 12/06/2013, o projeto que estabelece a Lei Geral das Religiões (veja <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-06-12/comissao-do-senado-aprova-projeto-da-lei-geral-das-religioes>), proposta apresentada pelo deputado George Hilton (da Igreja Universal) que ainda vai passar pela análise do plenário do Senado, antes de retornar para avaliação dos deputados. A intenção é garantir tratamento isonômico a diferentes religiões e o projeto veio em resposta ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica, acordo assinado entre o governo brasileiro e o Vaticano em 2008, que estabeleceu normas sobre ensino religioso, casamento com efeito civil, imunidade tributária para entidades eclesiais, prestação de assistência espiritual em presídios e hospitais, garantia de sigilo de ofício dos sacerdotes, entre outros temas. A proposta da Lei das Religiões é tão controversa quanto o Estatuto Católico, envolvendo questões que precisam ser aprofundadas sobre o significado da laicidade do Estado brasileiro.

textos sagrados e teologias, ritos e éticas), como elementos da formação cidadã das nossas crianças e subsídios para o diálogo pluralista e humanizante dos cidadãos.

Em decorrência dos questionamentos àquele Acordo, o Supremo Tribunal Federal (STF) deve retomar em breve o julgamento da ação de inconstitucionalidade que questiona a prática da educação religiosa nas escolas públicas brasileiras. Há anos o Ensino Religioso vinha deixando de ser confessional e católico entre nós e passando a transmitir valores humanos de fundo religioso, em um exercício de argumentação cristã interconfessional ou mesmo amplamente inter-religiosa - sobretudo com a proposta de Parâmetros Curriculares amadurecida pelo Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso, no qual participamos educadores de variadas orientações e religiosos de diversas tradições.

Acontece que o Estado do Rio de Janeiro, sob influxo de um governo inspirado na cultura fundamentalista evangélica, criou um sistema de Ensino Religioso que visa a educação das crianças por representantes religiosos - na prática, de até oito dos maiores segmentos, que passam a ser financiados pelo Estado - e para as suas religiões, pelas famílias que assim optarem. O modelo foi copiado como desejável por lideranças católicas no Acordo Brasil-Vaticano e depois ratificado também pela “bancada evangélica” no Congresso, na Lei das Religiões que está para ser aprovada, mas acabou sendo questionado no que diz respeito ao Ensino Religioso pela Procuradoria Geral da República no STF - haja vista que pode induzir a uma filiação religiosa, situação incompatível com a atuação da escola pública. Agora, pela ideologização de um debate que deveria ser mais filosófico e pedagógico, corre-se o risco até de eliminação completa do Ensino Religioso - conforme pleiteiam coletivos de educadores laicistas.

Existe praticamente um consenso entre acadêmicos e entidades da sociedade civil, de que a reflexão sobre a religiosidade humana que é desejável nas escolas deve assegurar os direitos garantidos pela laicidade do Estado, o que inclui a não obrigatoriedade de presença às aulas e que o conteúdo não seja o estudo de uma religião apenas. Afinal, o bom princípio científico - e escola é lugar de educação científica - ensina que não se conhece com apenas uma amostra: é preciso comparar criticamente e interpretar os fatos - também religiosos - nos seus contextos históricos. Assim, religião não se ensina propriamente, mas se pode e deve refletir sobre esse fenômeno na escola. Até porque os sentidos e sentimentos religiosos sempre

influenciam as nossas relações humanas, sejam de produção, de parentesco e política, e de palavra ou interpretação.

Aqui surgiu, pois, um embate cultural (“a guerra é a teologia continuada por outros meios”) sobre quem é autorizado a interpretar os fatos religiosos neste país. A relação epistemológica equilibrada entre as Ciências da Religião e as Teologias dependerá da resolução política do formato de Ensino Religioso brasileiro - que vai gerar demanda de professores mais em uma ou noutra direção. A ANPTECRE, junto com o FONAPER e também a Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER)¹⁰, defendem a esse respeito¹¹ que:

I - o Ministério da Educação (MEC) publique diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Religioso, a fim de orientar os sistemas de ensino na elaboração de suas propostas pedagógicas em consonância com os pressupostos legais e curriculares em vigor; II – o Ministério da Educação (MEC), por meio do Conselho Nacional de Educação (CNE), emita diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial dos professores de Ensino Religioso, em curso de licenciatura, de graduação plena; III – o Supremo Tribunal Federal (STF) aceite a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI), proposta pela Procuradoria Geral da República (PGR), para assentar que o Ensino Religioso em escolas públicas só pode ser de natureza não-confessional, declarando a inconstitucionalidade do artigo 11, do Decreto nº 7.107/2010, que aprova o Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil, o qual prevê que o Ensino Religioso seja “católico e de outras confissões religiosas”; IV - o Ministério da Educação (MEC), por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fomente a oferta dos cursos de formação inicial para professores de Ensino Religioso no âmbito do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica; V - o Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação/CONSED e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação/UNDIME reconheçam o Ensino Religioso como área do conhecimento e promovam sua oferta em todas as escolas de ensino fundamental das redes públicas de ensino do Brasil; VI - o Congresso Nacional incorpore no novo Plano Nacional de Educação (PNE) estratégia que garanta a promoção do respeito à diversidade religiosa nas escolas, respeitando-se o princípio da laicidade do Estado, com a proibição de práticas de proselitismo religioso e de Ensino Religioso confessional.

Reafirma-se, então, que é fundamental manter o Ensino Religioso presente no cenário educacional, a fim de continuar assegurando aos educandos das escolas públicas o acesso ao conhecimento espiritual e simbólico produzido pela humanidade, contribuindo para o reconhecimento e respeito da diversidade religiosa do povo brasileiro, em prol da promoção de uma sociedade profundamente democrática. E fica subtendido que as Ciências da Religião

¹⁰ Site da Sociedade: <http://www.soter.org.br/>

¹¹ Carta Aberta sobre o Ensino Religioso. Disponível em <http://crunicap.blogspot.com.br/2011/11/carta-aberta-sobre-o-ensino-religioso.html>. Acesso em: 10 fev. 2015.

constituem área de conhecimento mais abrangente (de vez que incluem sempre uma dimensão também teológica) para criação de conteúdos que devem ser aplicados ou traduzidos pedagogicamente em aprendizagens para o Ensino Religioso, como também é a formação mais pertinente, posto que mais distanciada e crítico-comparativa, para a mediação de questões religiosas no espaço público - enquanto as Teologias visam mais a educação de animadores para as suas próprias tradições religiosas. Essas seriam as diretivas acadêmicas, mas a questão continua aberta.

A outra ameaça à nascente e crescente área de estudos da religião vem da “bancada evangélica” no Congresso Nacional, ao propor o reconhecimento da profissão de teólogo¹², nela confundindo o ministro religioso com estudos de terceiro grau. Claro que há de se pensar sobre a profissionalização dos estudiosos da religião, mas não com critérios de práticas devocionais das tradições religiosas, e sim com base em formação acadêmica. Tanto os teólogos das diversas religiões, quanto os cientistas da religião, devem ser entendidos como profissionais com formação universitária, a serviço da animação de igrejas ou enquanto professores de escolas, mas sempre com critérios do magistério acadêmico e em vista de conscientizar a dimensão pública das religiosidades.

Ambas as propostas, de profissionalização do teólogo ministerial e de ensino religioso confessional, teriam, se aprovadas como estão sendo defendidas pelas igrejas, o efeito de substituir a exigência do rigor metodológico, que hoje norteia a área, pela exigência de obediência às normas eclesiais. E ligado a esses desafios, deve-se acrescentar um terceiro complicador para os estudos da religião, que atinge também os programas de pós-graduação (responsáveis não somente por receber egressos das graduações para aprofundamento criativo e produtivo de conteúdos, mas também por induzir epistemologicamente a organização político-pedagógica das iniciações universitárias): é o estabelecimento em curso pelo MEC dos referenciais curriculares para as graduações de Teologia - e também, espera-se, de Ciências da Religião.

O Parecer CNE/CES 51/2010¹³, aperfeiçoou uma série de intervenções que vinham tentando coibir os abusos de entidades eclesiais sobre a vida acadêmica republicana, manteve a exigência de que os Projetos dos Cursos de Teologia não sejam proselitistas e se

¹² <http://crunicap.blogspot.com.br/2010/01/profissao-de-teologo.html>. Acesso em: 10 fev. 2015.

¹³ <http://crunicap.blogspot.com.br/2010/09/curriculo-de-teologia-agora-tem-lei.html>. Acesso em: 10 fev. 2015.

proponham a formar teólogos críticos, com acesso à complexidade das teologias nas diferentes culturas. Retirou-se, do Parecer 118/2009, a expressão “exclusão da transcendência”, interpretada como um reducionismo positivista que se queria impingir aos estudos teológicos. O Parecer CNE/CES 60/2014¹⁴ avançou na formulação de Diretrizes Curriculares Nacionais para graduações em Teologia, que estão para ser homologadas pelo Ministro da Educação.

Essas Diretrizes indicam que a estruturação curricular dos cursos deve contemplar quatro eixos. O eixo de formação fundamental deverá incluir conteúdos de formação básica que caracterizam o curso de Teologia. Neste eixo deverão ser ministradas disciplinas relacionadas ao estudo das narrativas e textos sagrados ou oficiais que podem ser tidos como fontes da Teologia, segundo a Tradição própria; das línguas destas fontes da Teologia; das normas ou regras de interpretação das referidas fontes; do desenvolvimento da Tradição; do método, dos temas e das correntes teológicas construídas ao longo da história e contemporaneamente. O eixo de formação interdisciplinar deverá contemplar conteúdos de cultura geral e de formação ética e humanística. O eixo de formação teórico-prática deverá contemplar conteúdos de domínios conexos que são importantes para a construção do perfil e das competências pretendidas de acordo com o projeto de formação definido pela Instituição e o eixo de formação complementar terá como objetivo possibilitar ao aluno reconhecer e testar habilidades, conhecimentos e competências, inclusive fora do ambiente acadêmico.

As diretrizes preconizam o seguinte perfil do egresso:

Um Curso de Graduação em Teologia visa formar pessoas que tenham a capacidade de: a. compreender os conceitos pertinentes ao campo específico do saber teológico, segundo sua Tradição, e ser capaz de estabelecer as devidas correlações entre estes e as situações práticas da vida; b. integrar várias áreas do conhecimento teológico, para elaborar modelos, analisar questões e interpretar dados em harmonia com o objeto teológico de seu estudo; c. compreender a construção do fenômeno humano e religioso sob a óptica da contribuição teológica, considerando o ser humano em todas as suas dimensões, e refletir criticamente sobre a questão do sentido da vida; d. analisar, refletir, compreender e descrever criticamente os fenômenos religiosos, articulando a religião e outras manifestações culturais, apontando a diversidade dos fenômenos religiosos em relação ao processo histórico-social; e. promover a reflexão, a pesquisa, o ensino e a divulgação do saber teológico; f. compreender a dimensão da transcendência como capacidade humana de ir além dos limites que se experimentam na existência; g. exercer presença pública, interferindo construtivamente na sociedade na perspectiva da transformação da realidade e na valorização e promoção do ser humano; h.

¹⁴ http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=20279:pareceres-cne-2014. Acesso em: 10 fev. 2015.

assessorar e participar de instituições confessionais, interconfessionais, educacionais, assistenciais e promocionais, tanto na perspectiva teórica, quanto na prática; i. elaborar e desenvolver projetos de pesquisa dentro das exigências acadêmicas; j. prosseguir em sua formação teológica na perspectiva da educação continuada; k. participar de comitês e conselhos interdisciplinares, como os comitês Ambientais e de Bioética, Ética em Pesquisa, Juntas de Conciliação, entre outros, promovendo a defesa dos direitos inalienáveis do ser humano e contribuindo para a construção permanente de uma sociedade mais justa e harmônica; l. Perceber as dinâmicas socioculturais, tendo em vista interpretar as demandas dos diversos tipos de organizações sociais e religiosas e dos diferentes públicos; m. Compreender as problemáticas contemporâneas decorrentes da globalização, das tecnologias do desenvolvimento sustentável, necessárias ao planejamento das ações sociais.

Depois de acirrada discussão, portanto, caminhamos aos poucos para a compreensão de que a Teologia, academicamente, ainda que enfatize uma tradição religiosa, deve buscar uma ressignificação enquanto ciência que desenvolve a interpretação de mitos, ritos e interditos de tradições de fé - o que implica tanto a caracterização dos objetos teológicos como símbolos humanos, quanto a redescoberta de conteúdos racionais em narrativas míticas. A teologia precisa se redefinir epistemologicamente na Universidade, como reflexão a partir de uma experiência (humana) de revelação religiosa - e não como “Ciência da Revelação”, que pudesse partir ou atingir o divino em-si, para além da sua experimentação (como mistério da realidade) em-relação (por via das místicas religiosas - e até “não” ou “pós”-religiosas).

Assim sendo, ao contrário de como a CAPES e o CNPQ categorizam até agora a conjunção entre os dois campos, a Teologia tende a se tornar plural (como auto interpretação de cada tradição espiritual, que tem direito de refletir sobre as razões da sua fé, desenvolver as suas teologias e formar os seus quadros de animadores religiosos em programas de pós e graduações, como bacharelados) e a ser mais uma das perspectivas interpretativas em Ciências da Religião, que como área transdisciplinar de estudos da religião deve ter os seus cursos de pós-graduação mas também de graduação - os quais são, aliás, os mais adequados para formarem, mais como licenciaturas, os profissionais do Ensino Religioso e os mediadores de questões religiosas no espaço público, em vista da cidadania plenamente participativa; enquanto as graduações de Teologia, mais como bacharelado, prestam-se mais à formação de agentes especializados, como ministros, catequistas e liturgistas, dentro de cada tradição religiosa. Fica, então, a chamada para a necessidade de elaboração urgente, também, de Diretrizes Curriculares para as graduações em Ciências da Religião, e nesse sentido avançamos no próximo ponto.

4. EM FAVOR DA(S) CIÊNCIA(S) DA(S) RELIGIÃO(ÕES)

O campo epistemológico apropriado das Ciências da Religião está ainda em consolidação¹⁵. As diferenças principais estão no entendimento sobre o que se pode conhecer e como mitigar a nossa miséria cognitiva: existe uma ciência da religião com método interdisciplinar próprio ou apenas aplicações dos métodos das ciências humanas e sociais ao tema da religiosidade?! Quando a ênfase é na segunda opção, os cursos gostam de se batizar com um “s” na sua ciência e se chamam de “Ciências da”. Esconder-se-ia em todas as religiões uma essência, ainda que fenomenológica, da religião, ou devemos nos contentar com a apreensão da diversidade de tradições locais e contextuais dos fatos religiosos? De novo aqui, quando a acentuação é na última escolha, os cursos carregam no “s” da sua apreensão das religiosidades e se chamam “das Religiões”¹⁶.

Ao nosso ver, estamos diante de um campo epistemológico mais do que “inter”, transdisciplinar¹⁷, muito recentemente esboçado entre nós no Brasil¹⁸ e ainda não completamente desenvolvido pelo mundo afora¹⁹, mas que não tem o mesmo ponto de vista e processamento sobre o fenômeno das religiões a que nos habituamos em nossas formações de teólogos e filósofos, mas igualmente de antropólogos, psicólogos e sociólogos.

¹⁵ PASSOS, João Décio e USARSKI, Frank. **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

¹⁶ A perspectiva que defendemos aqui é a de Ciências da Religião como campo de conhecimento interdisciplinar e não como disciplina científica tradicional (já resenhamos em dossiê sobre as perspectivas da área em ARAGÃO, Gilbraz. Ciências da Religião na UNICAP. **Numen**. Juiz de Fora, ano 15, nº 2 (jul-dez 2012): 271-294).

¹⁷ A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo. A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra. A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (SOMMERMAN, Américo. **Inter ou transdisciplinaridade?** São Paulo: Paulus, 2006).

¹⁸ TEIXEIRA, Faustino. **A(s) ciências(s) da religião no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2001.

¹⁹ Pelo que temos percebido nos intercâmbios dos últimos congressos da nossa área, é na América do Norte que florescem experiências alvissareiras de relações entre teologias e estudos da religião. Nos Estados Unidos, muitos centros oferecem disciplinas compartilhadas na área e o diferencial entre o enfoque teológico e o de ciências da religião aparece na pesquisa ou tese do estudante, denotando uma ênfase hermenêutica mais a partir “de dentro” ou “de fora” do fenômeno religioso estudado, respectivamente. Tal situação foi provocada a partir da década de 1960, quando a Suprema Corte dos EUA proibiu o ensino de teologia em universidades que recebessem dinheiro federal, liberando porém explicitamente o estudo mais “objetivo” e “neutro” da religião. Resultado, a Teologia, enquanto interpretação que busca “desde dentro” as razões para uma tradição de fé, passou a ser uma das Ciências da Religião. Sobre isso, pode-se acessar a reflexão “Novos métodos em Ciências da Religião” em <http://cronicap.blogspot.com.br/2011/10/novos-metodos-em-ciencias-da-religiao.html>. Acesso em: 10 fev. 2015.

Estamos convencidos de que o problema maior do diálogo entre os saberes, entre as abordagens mais científicas e as mais teológicas, mas também de uma religião frente às suas controvérsias internas e frente às outras religiões, está nos pressupostos filosóficos da conversação - e daí a necessidade de hermenêutica das religiões, codificadas em chave mitológica pré-moderna, para as nossas cidades pós-modernas, construídas com “espírito científico”; como também de revisão do que entendemos por ciência e conhecimento da realidade. Mais precisamente, a questão reside na lógica da identidade, que inviabiliza toda compreensão alterativa e plural no entendimento da verdade - e da salvação. Ou você está na minha igreja e aceita o meu salvador ou está condenado, por exemplo; ou você reconhece a verdade “científica” e descarta os mitos ou está atrasado, por outro lado.

A física quântica, enquanto novo paradigma de ciência, que gerou um modelo emergente em filosofia do conhecimento, no entanto, mostrou a “coexistência entre pares de contraditórios mutuamente exclusivos”²⁰. Com base nessa constatação do mundo físico, buscase compreender mais amplamente a realidade toda, superando o princípio de identidade e contradição pelo de complexidade; demonstrando que, em outros níveis da realidade, verdades contrapostas podem se explicar ou conviver.

Esse novo paradigma de conhecimento, complexo e transdisciplinar, gerou a lógica do “terceiro incluído” que, debruçada por si sobre o fenômeno das religiões e as contradições que surgem do seu pluralismo, remete à busca de um outro nível de realidade, àquela ética do amor, que pode religar crentes doutrinalmente antagônicos em uma fé que se faz silêncio místico ou atitude de cuidado pelos outros e pelo nosso meio e permite o acesso ao “sagrado” - e abertura para o divino que está “entre e para além” das religiões e cujo espírito pervade todas as coisas. Assim também, no diálogo das tradições de sabedoria espiritual com as ciências, deve-se incluir um mistério - sagrado - que está na realidade e escapa às nossas observações, está entre e além das suas apreensões, e exige de todas uma reverência mística.

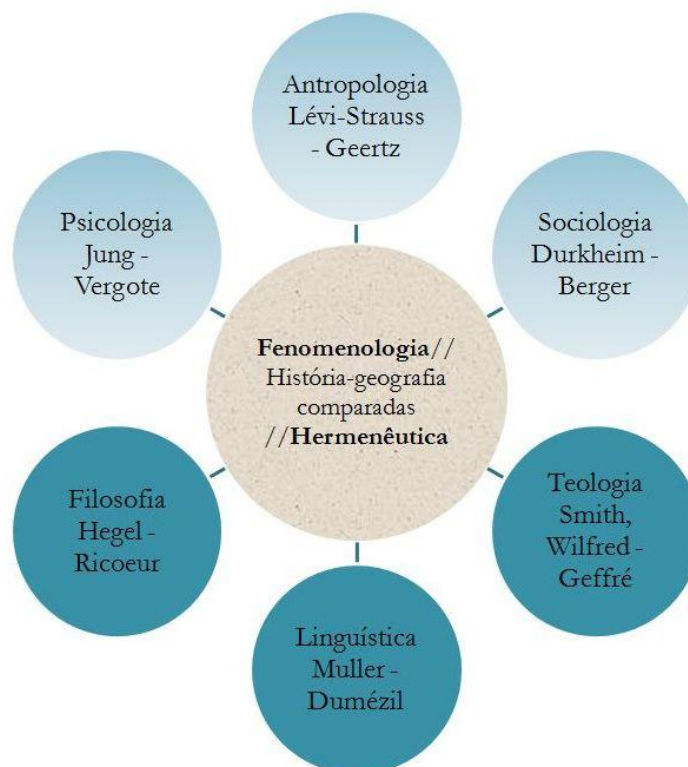
Com base nesses pressupostos transdisciplinares, as teologias podem avançar e devem repensar as auto interpretações que cada religião se faz e também como interpretam as outras religiões: o que uma religião descobre como revelação divina, é por causa das outras tradições espirituais - e para as outras religiões também! E os fundamentos transdisciplinares podem ajudar ainda mais no avanço das Ciências da Religião. Cunhado por Max Müller (1823-

²⁰ NICOLESCU, Basarab. **Nous, la particule et le monde**. Paris: Éditions du Rocher, 2002.

1900), o conceito de Ciências da Religião deu origem a uma área acadêmica²¹ que busca esclarecer a experiência humana do sagrado. Sobre a base da história geral das religiões ergue-se o estudo comparativo das religiões, que aborda as religiosidades e seus fenômenos com questionamentos sistemáticos. Ele forma categorias genéricas e se esforça para apreender o mundo dos fatos religiosos de tal modo que transpareçam linhas fundamentais, sobretudo fazendo uso da fenomenologia.

Enquanto a história das religiões constitui a base das Ciências da Religião, a pesquisa sistemática das religiões deve mostrar semelhanças e diferenças de fenômenos análogos sobre o sagrado em diversas religiões e apresentar a hermenêutica dos “textos” que se tornaram sagrados, em seus contextos históricos e culturais. As relações entre religião e suas condições contextuais são então aclaradas por distintas disciplinas, conforme o esquema que propomos abaixo, evocando uma referência clássica e outra contemporânea de autor que, em cada área do conhecimento, pode ser aproximado do nosso campo epistemológico:

Campo epistemológico das Ciências da Religião



²¹ Vale a pena analisar as discussões apresentadas a esse respeito em USARSKI, Frank. **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007. Uma ótima introdução ao nosso campo de estudos também pode ser encontrada em CRUZ, Eduardo R. **A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza**. São Paulo: UNESP, 2004.

Assim, por exemplo, a sociologia da religião ocupa-se das relações recíprocas entre religião e sociedade, incluindo também a dimensão política. A psicologia da religião dedica-se a processos religiosos que devem ser compreendidos a partir da peculiaridade do elemento psíquico. A geografia das religiões investiga as relações entre religião e espaço, sendo que este se entende não apenas em sentido físico, mas também cultural, e une-se à história comparada das religiões, conformando o núcleo onde se processam as controvérsias sobre a construção e/ou manifestação do(s) sagrado(s).

As ciências da linguagem, junto com a antropologia, aportam colaborações destacadas para a descrição e interpretação dos fatos religiosos, como construtos humanos e códigos simbólicos. Assim também, a filosofia participa do campo epistemológico das Ciências da Religião, desde que não reduza teoricamente o religioso a mero epifenômeno e busque sistematizar os fatos religiosos com maiores preocupações de objetividade; e a teologia²², desde que se redefina metodologicamente como uma interpretação das tradições de fé e não se limite a expor uma doutrina religiosa. Desse modo, com as questões certas e os procedimentos adequados, podemos construir juntos a sinfonia polifônica do esclarecimento possível sobre as experiências religiosas.

O campo de conhecimento das Ciências da Religião, como sempre mais o concebemos, recebe colaborações teóricas (e estudantes) das áreas de ciências sociais e ciências da comunicação²³, das disciplinas de sociologia, antropologia e psicologia, bem como de filosofia, linguística e teologia - exigindo, contudo, que os seus respectivos aportes metodológicos sejam redimensionados epistemologicamente com base na comparação empírica dos fatos e na busca hermenêutica de significados, através de uma lógica transdisciplinar e dialogal – pois as Ciências da Religião se articulam em torno da cultura epistemológica das controvérsias²⁴.

²² Para um aprofundamento das relações entre Ciências da Religião e Teologia, ver os artigos de Ethiene Higuete (<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio09/a-teologia-em-programas-de-ciencias-da-religiao>) e de Afonso Soares (<http://ciberteologia.paulinas.org.br/portals/24/01ATeologiaEmDialogo.pdf>)

²³ As tensões entre uma influência mais histórico-fenomenológica nas “Ciências da Religião” e outra mais antropológico-hermenêutica na “Ciência das Religiões”, podem ser percebidas claramente quando se compara a produção de duas coleções para a área na mesma editora, Paulinas, em nosso país: “Religião e Cultura” e “Repensando a Religião”, respectivamente.

²⁴ Marcelo Dascal é um grande especialista em filosofia do século 18, especificamente a de Leibniz, mas, para ele, estudar grandes pensadores do passado não é ser um antiquário intelectual, mas sim uma maneira de tratar dos problemas fundamentais da filosofia, e da nossa vida intelectual, hoje e aqui, no começo do século 21. Para tanto, Dascal esboça uma cultura epistemológica das controvérsias, que interessa muito à(s) Ciência(s) da Religião: “... Um campo específico em epistemologia contemporânea desdobrado a partir das investigações

De modo que pesquisadores daquelas diversas áreas, e não apenas estudantes de ciências da religião, são bem vindos a uma pós-graduação em Ciências da Religião, por exemplo, e podem produzir trabalhos com enfoques desde as suas graduações, bastando que se coloquem questões atingíveis fenomenologicamente²⁵ e trabalháveis hermeneuticamente²⁶, em torno da ideia de sagrado.

E se o que caracteriza as Ciências da Religião é esse voltar à natureza e aos fenômenos, porque muitos discursos filosóficos e teológicos e até mesmo ditos científicos, pela psicossociologia, tornaram-se por demais teóricos e auto referenciados, compreendemos que a temática do pluralismo religioso e a pre-ocupação político-cultural com o diálogo inter-religioso constituem hoje um dinamismo que exige e permite que circunscrevamos o campo das pesquisas sobre religiões pelos balizadores da comparação fenomenológica e da interpretação hermenêutica - haja vista que as religiões estão se reconfigurando em nossa era de mudanças e precisam ser redescritas, e necessitam também de mútuas traduções em nosso tempo de comunicações e diálogos, mas também de fundamentalismos ideologizantes e terroristas.

5. PELA PROMOÇÃO DO DIÁLOGO

O fenômeno religioso tem grande importância na sociedade brasileira, desde que as crenças ameríndias, o catolicismo lusitano e as religiões africanas aqui se encontraram para

Kuhnianas é o estudo conceitual e empírico-histórico das controvérsias, tal como vem sendo desenvolvido por Marcelo Dascal e seu grupo de pesquisa em controvérsias científicas, teológicas e filosóficas no período compreendido entre os anos de 1600 e 1800 na Europa ocidental. Focalizando o que chamaria de crises como sendo o eixo central do modo como se dá a construção das teorias em ciência, e a resolução (ou não) destas via apreciação da dialética dos argumentos (a controvérsia em si, no caso de um estudo empírico em particular), penso que seria consistente descrever o seguinte cenário específico: o campo científico de estudos do fenômeno religioso é um caso clínico típico de controvérsia, e se tratado como tal poder-se-á, talvez, esclarecer (no sentido de torná-las mais iluminadas) algumas das mais importantes questões epistemológicas (e metodológicas) em questão na nossa prática” (PONDÉ, Luiz. Em busca de uma cultura epistemológica. In: TEIXEIRA, Faustino. **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2001, pg. 17).

²⁵ Para esclarecer as relações entre fenomenologia e Ciências da Religião, indicamos DREHER, Luís (org.) **A essência manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião**. Juiz de Fora: UFJF, 2003; também o texto de BRANDT, Hermann. **As ciências da religião numa perspectiva intercultural: a percepção oposta da fenomenologia da religião no Brasil e na Alemanha. Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 46, n. 1, 2006, p. 122-151; além do artigo de GIORGI, Amedeo. **Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação**. In: VVAA. **A pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 386-409.

²⁶ Para aclarar o recurso hermenêutico das Ciências da Religião, sugerimos PADEN, William. **Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião**. São Paulo: Paulinas, 2001; TERRIN, Aldo. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003; GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2004 e REDYSON, Deyve. **Fenomenologia e hermenêutica da religião**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

formar um conjunto de vivências espirituais; que se tornou ainda mais complexo nos últimos tempos, quando outras denominações cristãs, religiões orientais, islamismo e judaísmo implantaram-se entre nós, diversificando o nosso panorama religioso e conferindo-lhe grande vitalidade. Esse cenário religioso está se transformando: diante dos dados do último Censo, ficamos intrigados com o crescimento dos “sem religião” e, ao mesmo tempo, do espiritismo; com o vigor e as combinações dos pentecostalismos cristãos, além das crises e renovações do catolicismo; com o ressurgimento das vivências de transe e com o aparecimento de uma espiritualidade que se move em redes sociais e caminhadas turísticas.

Mas, para onde vão as religiões no Brasil? Cada pessoa vai organizar a sua religiosidade em um cenário múltiplo, com menos doutrinas e mais experiências emotivas? Cada religião vai reforçar sua ortodoxia e lutar por espaço político, defendendo moralismos e sob influência de potências culturais? As religiões e espiritualidades vão disputar o mercado cultural na televisão e na internet, apelando para mensagens apocalípticas? Todas as religiões vão convergir para uma espiritualidade ecológica e de nova consciência global? São tendências das religiões que se confrontam nesse grande laboratório de ensaio do futuro da religiosidade, que é o Brasil. Em tempos de modernidade globalizada, com grandes possibilidades tecnológicas e enormes dificuldades de relações entre grupos humanos e destes com a natureza, as pessoas tendem a ficar mais egoístas, no sentido de ouvir mais a própria intuição. Paradoxalmente, isso leva à busca por uma espiritualidade maior e uma melhor compreensão do significado da vida, o que pode inclusive redefinir e ampliar os nossos limites éticos. Será, então, que vamos assistir à ascensão de uma “divindade verde” planetária e de uma “nova consciência” espiritual? Ou, ao invés, as crises culturais e econômicas que atravessam o planeta, levarão também no Brasil a uma politização de ortodoxias moralistas e sob pressão de potências mundiais? ²⁷

Diante da crescente violência juvenil e/ou da dificuldade de socialização de um projeto de civilização, muitos imaginam que os símbolos religiosos facilitam a transmissão de valores e que a escola deva ensiná-los com autoridade, reforçando a identidade moral “majoritária” na comunidade. Mas essa é uma compreensão um tanto retrógrada, haja vista que boa parte da humanidade já(!) ultrapassou uma visão mágica da espiritualidade (por exemplo, Jesus altera o mundo milagrosamente e atende as minhas preces por prosperidade e riqueza) e também uma visão mítica das coisas (segundo a qual Jesus traz a verdade eterna sobre tudo - e contra todos os que não têm fé nele). Somente nessas “altitudes” de compreensão espiritual é que faz sentido o proselitismo com o texto sagrado da minha tradição religiosa. Hoje, todavia, as pessoas mais amadurecidas têm uma crença mais razoável (se sigo a Jesus, posso encontrar

²⁷ ARAGÃO, Gilbraz. Apresentação. In: ARAGÃO, Gilbraz; CABRAL, Newton e VALLE, Edênio (Orgs.). **Para onde vão os estudos da religião no Brasil?** São Paulo: Anptecre, 2014, pg. 10.

uma vida boa, verdadeira e abençoada pelo seu caminho de amor, mas entendo que outros possam igualmente descobrir outras espiritualidades válidas) e até mais pluralista (há algo da consciência de Cristo em todos os seres e culturas, sendo o cristianismo uma de suas interpretações) e inclusive mais integral (a espiritualidade também se verifica na profundidade da observação científica e nas relações intersubjetivas profundas, podendo-se mesmo conceber uma "missa sobre o mundo" para além das místicas explicitamente eclesiais).

Nessa perspectiva hermenêutica mais acurada, aquilo que os cristãos, por exemplo, chamam de revelação, é entendido como verdadeira pedagogia divina: é o espírito que nos permite interpretar os “sinais dos tempos” e, numa certa altura do esperançoso compromisso prático para com a defesa da vida no mundo, acreditarmos que aquele grito que despertou a nossa práxis de amor fiel é sagrado, ou seja, percebermos que dentro de nossa relação amorosa fala-nos processualmente uma palavra - revelação - diferente, que causa diferença na vida, no sentido de uma qualidade humana mais profunda, de uma existência descentrada do ego. De forma que, mesmo para um cristão, a Palavra de Deus não está presente só nos “livros sagrados”, nem somente na literatura cristã. Será, então, que melhor do que distribuir o livro sagrado da minha religião, melhor do que converter o mundo à minha doutrina e implantar a minha igreja, não seria ajudar na disponibilização, contextualização e interpretação das mensagens de todas as tradições espirituais, para quem delas necessite em seu processo de educação (e transcendência) humana e humanizante, favorecendo assim a compreensão e a paz entre os povos?!

Estamos às voltas, também no Brasil, com muitos fatos relacionados ao fundamentalismo religioso, da distribuição de bíblias nas escolas ao apedrejamento de Terreiros alheios. Em certas comunidades e lideranças cristãs tupiniquins exercita-se a leitura literal do texto sagrado para se travestir um projeto conservador de dominação político-cultural. Aí se opõe um “Deus” pai sério e punitivo a uma divindade amorosa de justiça e compaixão; uma igreja exclusivista, rígida e hierárquica, a movimentos inter-religiosos em favor da terra eco-consciente; esses grupos manifestam um apego teológico ao pecado original, contra uma espiritualidade da criação e sua compreensão de bênção original; pregam a intolerância ao estrangeiro e ao “estranho” moral, contra o abraço ao feminino e aos outros gêneros; o medo da ciência, enfim, ao invés do incentivo à sapiência.

São discursos que hostilizam em especial as telúricas religiões afro-negro-brasileiras e outros “bodes expiatórios” considerados idólatras. Contra eles devemos invocar a laicidade: o Estado brasileiro é laico e pluralista, acolhe todas as religiões sem aderir a nenhuma. Não é lícito que uma religião imponha à nação seus pontos de vista e não podemos deixar os espaços públicos republicanos ser ostensivamente ocupados e controlados por quaisquer comunitarismos ou igrejas. Uma autoridade pode ter convicções religiosas mas não é por elas, mas pelas leis e pelo espírito democrático que deve governar.

Os estudos da religião têm um papel fundamental no exercício desses discernimentos e na promoção do respeito à diversidade e do diálogo entre as tradições espirituais do nosso país. Não é exatamente sobre a religião que se deve dialogar no diálogo inter-religioso – e nem mesmo diretamente sobre Deus – mas sobre o projeto divino em vista de fazer deste mundo um paraíso amoroso. Somente mudando o “nível da realidade”, passando do nível teórico-doutrinal para o da práxis ética e/ou do silêncio espiritual, é que o diálogo entre religiões é possível. Somente ultrapassando a própria experiência de Deus e buscando a ética que se esconde no humano – e nos reúne a todos de maneira sagrada – é que uma religião pode dialogar com outra.

Retomando o Fausto de Goethe, mencionado à epígrafe, tanto porque esboça o drama da ciência moderna que se pergunta o que dizer, agora, da religião, quanto pela influência que certamente exerceu sobre Mircea Eliade, um dos fundadores da nossa área de conhecimento, com o seu esclarecimento sobre o sagrado pela sua relação com o profano oposto e complementar, lembro que os estudos da religião, não se enganem, são uma sedução meio diabólica para nos tornar mais sensuais e naturais²⁸, mais atentos aos fé-noumenos do que ao “noumeno” (existe mesmo essa coisa-em-si, para além da coisa-em-relação?!), para nos soltarmos das amarras das nossas teorias e ciências “divinas” e nos perdermos em passeios primaveris pelos centros e terreiros, pelos pagodes e assembleias do nosso povo, para olharmos as suas tradições de fé com um tanto de empatia e uma certa desconfiança.

Vocês estão dispostos a pagar esse preço? Vocês já imaginaram quem é que vão encontrar em suas “casas” quando voltarem desse passeio racional inebriado pela paixão

²⁸ Vale a pena, para aprofundar a compreensão do “duplo” nos símbolos religiosos, ver o livro WASSERSTROM, Steven. **A religião além da religião**. São Paulo: Triom, 2003. Nele se explora a maneira como três conferencistas, colegas de Goethe – e de Jung – no Círculo de Eranos, Scholem, Eliade e Corbin, ultrapassaram abordagens tradicionais ao estudar religião, tirando a ênfase da lei, do ritual e da história social e exaltando o papel do mito e do misticismo.

carnavalesca do povo, pelos santos festivos da nossa gente? Cuidado com o pacto que vocês farão com Mesfisto no estudo científico das religiões - porque com certeza terão de fazê-lo. Desejo que, de todo modo, isso sirva para o maior fausto da vida e a maior “glória de Deus” - que, segundo dizem, serve-se até das tramas do “coisa-ruim”.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Gilbraz. Ciências da Religião na UNICAP. *Numen*. Juiz de Fora, ano 15, n. 2 (jul-dez 2012): 271-294.

ARAGÃO, Gilbraz; CABRAL, Newton e VALLE, Edênio (Orgs.). **Para onde vão os estudos da religião no Brasil?** São Paulo: Anpctecre, 2014.

BRANDT, Hermann. As ciências da religião numa perspectiva intercultural: a percepção oposta da fenomenologia da religião no Brasil e na Alemanha. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 46, n. 1, 2006, p. 122-151.

CRUZ, Eduardo R. **A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza**. São Paulo: UNESP, 2004.

DREHER, Luís (org.) **A essência manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião**. Juiz de Fora: UFJF, 2003.

GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GIORGI, Amedeo. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: VVAA. **A pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 386-409.

GOETHE, Johann. **Fausto**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NICOLESCU, Basarab. **Nous, la particule et le monde**. Paris: Éditions du Rocher, 2002.

PADEN, William. **Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PASSOS, João Décio e USARSKI, Frank. **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

REDYSON, Deyve. **Fenomenologia e hermenêutica da religião**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

SOMMERMAN, Américo. **Inter ou transdisciplinaridade?** São Paulo: Paulus, 2006.

TEIXEIRA, Faustino. **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2001.

TERRIN, Aldo. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.

USARSKI, Frank. **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

WASSERSTROM, Steven. **A religião além da religião**. São Paulo: Triom, 2003.